

# Conversa de Arquivo: Eurico Alves, leitor de Euclides

---

Valter Guimarães Soares (UEFS)

Neste trabalho ensaio algumas aproximações entre as obras *Fidalgos e vaqueiros* (1989), de Eurico Alves, e *Os sertões* (2000), de Euclides da Cunha. Procuo surpreender a presença/ausência do texto euclidiano na construção discursiva do sertão por parte de Eurico Alves. Dito de outro modo, tento visualizar como este autor se apropria do repertório de Euclides da Cunha, como se dá a intertextualização ou interação leitor-texto.

O percurso tencionado ancora-se em alguns pressupostos. O primeiro deles parte da convicção de que todo discurso remete a outro que lhe é anterior, um já-dito, um conjunto de formulações feitas e já esquecidas, ou que permanecem na ordem do dia, as quais condicionam o que dizemos, sustentando mesmo a possibilidade do dizer (cf. ORLANDI, 2001). Assim sendo, não se trata aqui de uma superinterpretação, de buscar compreender se foi feita uma leitura correta, adequada, coerente. Mas de interpretar como o escrito euclidiano, enquanto discurso, memória discursiva, foi retomado para a manutenção ou (re)construção, através de alguma forma de suplemento, de sentidos e significados para a paisagem física e social nomeada sertão.

Por estas margens brota um convencimento adicional: o de que a geografia é uma prática social, devendo, portanto, ser desnaturalizada. Isto significa que o espaço geográfico sertão é aqui tomado, também, como efeito discursivo, a compreensão do

espaço enquanto construção histórica, como produto de um conjunto de práticas sociais que expressam relações de saber e poder (FOUCAULT, 1986). Considero que os textos de Eurico e Euclides, enquanto discursos, linguagem em movimento – portanto prática social –, não apenas representam com maior ou menor fidedignidade um lugar sertão, mas participam da instituição de uma espacialidade que se pretende sertaneja. O espaço-sertão não está nem esteve sempre ali, ele não precede a sociedade que o conforma; antes que um *a priori*, o lugar-sertão é produto de uma teia de imagens, conceitos e idéias que lhe vão constituindo e construindo em significado, demarcando seus limites cartográficos, traçando-lhe uma paisagem social.

Por fim, suponho que ambas as obras, em tempos e espaços diferenciados, participam como máquinas instauradoras de sentidos e significados para o lugar sertão, inaugurando assim uma geografia. Mais ainda, de que na composição de Eurico o escrito de Euclides é, explícita ou implicitamente, convocado e agenciado. Procurando demonstrar isso, tento flagrar no diálogo entre as duas obras três dimensões de (des)encontros: de início, procuro atentar para certas visibilidades dadas ao texto euclidiano, ou como esta fala é tomada como referendo ou para referendar algo que se pretende instituir. São momentos em que Euclides é tomado no sentido literal, como voz da autoridade, como alguém que traduziu o sertão na sua inteireza, na sua essência e verdade. Depois, procuro identificar os deslocamentos operados, momentos em que as idéias se apartam, sugerindo dissimetrias de percepção e concepção. Por último, o que chamo de fantasmagoria euclidiana, i.e, momentos onde o texto euclidiano se faz uma espécie de presença-ausente, quando ele é silenciado, embora já-ali. Em cada um deles, tento elucidar as estratégias da escritura euriquiiana, enquanto manobras e táticas mobilizadas para a (re)significação do “espaço sertanejo”.

## CARTOGRAFIA (PRELIMINARES)

Sertão, sem dúvida, é uma palavra que traz a marca do controverso. Ela atravessa o Atlântico nas caravelas portuguesas e desembarca no Brasil já em 1500. Significante recorrente nos relatos de quase todos os viajantes e cronistas que por aqui passaram, serviu durante o processo colonizador, e mais além no tempo, para designar o *incerto*, o *desconhecido*, o *longínquo*, o *interior*, como contraposição ao litoral, lugar do civilizado e da civilização.

Mas o solo das palavras é sempre escorregadio. Mesmo reconhecendo a atualidade da famosa definição de Guimarães Rosa, segundo o qual o “sertão está em toda

parte”, é preciso considerar as transformações no imaginário social que pretendeu representar o Brasil. O processo de urbanização, especialmente a partir do século XX, vai alterar as representações culturais do Brasil como *natureza* (ou grandes sertões). Na medida em que a (re)ocupação do interior do país vai se intensificando e as paisagens vão sendo modificadas, ocorrem também mudanças no imaginário social, que passa também a ser representado como *idades e sertões*. Os sertões deixaram de existir em regiões como o Oeste de São Paulo e o Norte do Paraná, segundo nos informa Gilmar Arruda (2000). Embora continuemos a encontrar “sertões” em diversas partes do Brasil (Amado, 1995), este conceito vai se constituindo historicamente numa diversidade de sentidos e significados.

Historicamente, o sertão foi deixando de ser um lugar que expressava um todo não-litorâneo, e passou a ocupar lugares com fronteiras geográficas e perfil social definidos. Atualmente, a idéia de sertão aparece mais vinculada ao recorte “Polígono das Secas”, que compreende a região Nordeste e o estado de Minas Gerais, ao qual associamos imagens como o forró, o clientelismo político, a seca e a miséria, a espacialidade sertão-nordeste é uma invenção recente. A própria idéia de Nordeste como região, e, dentro dela, o sertão, que passam a ocupar uma posição no mapa geográfico e simbólico do Brasil, são representações culturais do século XX, conforme propõe Durval Albuquerque Jr.(1999)

Em uma primeira e rápida aproximação, é possível dizer que a idéia de sertão inferida por Euclides e Eurico Alves ainda se traduz pelo genérico. São cartografias onde o sertão aparece como representação do não-litoral, como sinônimo de interior, de deserto, de horizonte aberto, amplo e, não raro, uniforme. Porém, é um mapeamento que já apresenta algumas rasuras e dessemelhanças, seja em relação a um repertório previamente construído, seja no que toca aos temas, figuras, imagens, idéias que são agenciadas para compor o retrato.

Em *Os sertões* (OS), como o próprio título sugere, o “espaço sertanejo” é concebido no sentido plural, haja vista a diversidade das suas vicissitudes climáticas e das suas paisagens físicas e humanas. Embora tendo como foco o *sertão de Canudos*, segundo Euclides, um índice que sumaria “a fisiografia dos sertões do Norte” (p. 33), a amplidão do lugar sertão emblematiza-se como região ignorada e ignorante, apartada da civilização e da ciência. Daí o porquê da equivalência entre selva e deserto como elementos constitutivos e caracterizadores daquele espaço (VENTURA, 1988).

Embora inscrita em outra historicidade, a imagem de sertão apresentada por Eurico Alves aparece filiada à tradição de pensamento que prefigura o Brasil como

constituído como litoral e sertão, remetendo sempre para um outro par de opostos: o urbano e o rural, ou uma variação deste: cidade e campo. Ali, a idéia de sertão que vai sendo inferida sugere algo que oscila entre um espaço genérico, de pouca nitidez geográfica ou pelo menos de difícil delimitação, e um recorte espacial mais definido em seus contornos ou fronteiras, o sertão-pastoril baiano, mais particularmente aquele circunscrito à área de Feira de Santana.

Em *Fidalgos e vaqueiros* é possível flagrar elementos dispersos de uma geografia, na qual sertão ainda aparece como sinônimo de interior, de horizonte escancelado, terra longínqua, lugar outro, distante do litoral. Emoldura-se ali um cenário de amplitude e de uniformidade. Sertão sem limites, infindo, “sem fecho e sem tamanho”, como diria mais tarde Guimarães Rosa na sua cartografia alegórica das *grandes veredas*. Vasto interior do Brasil, de pequenas vilas e cidadezinhas perdidas no mar do sertão e esquecidas pelo Litoral. Também aparece associado à atividade da pecuária e ao modo de vida dela decorrente, remetendo para enormes distâncias, para o desconhecido, para o vasto território brasileiro descoberto, ocupado e conquistado pela ação heróica do vaqueiro bandeirante. Na acentuação épica do gesto viril e audacioso dos vaqueiros engolidores de distâncias e desvirginizadores de brasis ignorados, esboça-se a idealização de uma terra de gigantes. São muitos os indícios que permitem afirmar que a cartografia euriquiana revela dois elementos básicos do que configura o espaço sertão: “ser interior e ser pastoril”. Em *Fidalgos*, presentifica-se a prefiguração litoral-sertão e a noção de um lugar sem limites, apartado e distante da Costa: “sertão pastoral, expressão de um mundo, um mundo dentro do Brasil” (FV, p. 16).

No empenho em instituir e dar visibilidade a uma dada *região* da Bahia, Eurico promove um intenso diálogo com o repertório-sertão já constituído<sup>1</sup>, formulando uma geografia que vai sendo tecida no acompanhar do rastro das boiadas e na escuta da cantilena dos vaqueiros devoradores de horizontes. Na vereda aberta por Euclides da Cunha, propõe uma história da Bahia e do Brasil contada a partir do interior, do sertão. História épica e heróica, pois permeada por “abismos de distâncias e desconhecidos duendes” (FV, p. 43), assinalada pela expansão territorial do Brasil e também pela formação do brasileiro mais genuíno. História que, segundo Alves, não pode ser olvidada, pois foi o vaqueiro bandeirante o responsável pela conquista do colosso geográfico brasileiro, o principal personagem pela “vitória sobre o mundo vazio do sertão primitivo e criando uma fisionomia própria para a sua paisagem. É preciso não se anular o papel do vaqueiro, para apenas se contar a ação do homem do litoral” (FV, p. 202), pois foram o pastor e o pastoreio que fizeram o Brasil.

A despeito do tom de generalização, no ensaio *Fidalgos* vão-se rabiscando com certa nitidez algumas fronteiras, se não do *grande sertão*, pelo menos daquilo que seria a *Bahia sertaneja*. Já é possível notar aí o interesse em demarcar os limites no mapa, delineando-se vestígios indicadores das estratégias de construção de identidade. Na produção de novas metáforas espaciais, Eurico Alves redesenha o espaço geográfico brasileiro, reconfigurando os limites do território nacional e rompendo com a representação do Brasil enquanto Norte e Sul<sup>2</sup>. Embora o sertão pastoral expresse “*um mundo dentro do Brasil*”, não deve, segundo ele, ser confundido com a expressão Brasil Norte. Eurico propõe uma nova cartografia e nela inscreve quatro Brasis:

Ter-se-ia de dizer com justeza: Brasil do Litoral, com canaviais e casas-grandes açucareiras; Brasil do Sertão, com pastos, malhadas, currais e casas-de-fazendas; e o Brasil do Sul. E ainda o Brasil das Minas, que, de certo modo, se assemelha ao pastoril, quando se associa aos latifúndios agropastoris (FV, p. 16).

A espacialidade *sertão* traz a marca do genérico, pois brota vinculada ao pastoreio, com seus *pastos, currais e malhadas*. Em *Fidalgos*, Eurico faz referência a diversos “sertões” existentes pelo Brasil adentro: *sertão da Paraíba* (p. 22), *sertões pastoris de Alagoas* (p. 39), *sertão do Mato Grosso* (p. 82), *sertão do Amazonas* (p. 82), *sertão de Pernambuco* (p. 108), *alto sertão de Minas Gerais* (p. 149), *sertão de Goiás* (p. 140); *sertões do sul* (p. 202) e, principalmente, a sertões específicos, “*os nossos*”, reportando-se ao sertão pastoril baiano. Nesse sentido, o sertão parece estar em todo lugar, suas veredas se entrelaçam por todo território nacional.

Área vasta e indefinida no interior do Brasil, o sertão passa a ser unificado pela atividade da pecuária e pela cultura a ela coligada, a vaqueira. É o emaranhado de veredas de um recorte que se pretende uno na sua multiplicidade: *Grande sertão*. Embora compreendendo o sertão como todo o *mar de terras* do interior do Brasil, Eurico tem como referência um espaço específico e delimitado, no caso, a área de (e circunvizinha a) Feira de Santana. A despeito dos vãos panorâmicos pelos *sertões nacionais*, Eurico fala de (e a partir de) um *lugar-sertão*. Seu dizer situa-se na *dobra do Recôncavo*, no que seria o *início do sertão* na Bahia, ou, mais precisamente, nas paisagens feirenses. É desse ponto de localização que ele tece a sertanidade, projetando o lugar de onde fala para outros espaços, seja aquele compreendido como sertão-pastoril baiano, seja para todo o nacional. Lugar-sertão que, além de ser *interior* e *pastoril*, guarda uma especificidade, que é dada pelo tipo de vegetação, a caatinga. Ao longo do texto é recorrente a associação entre sertão e esse tipo de flora, o que, de resto, tangencia a formulação euclidiana.

## VISITANDO OS ARQUIVOS

A obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha, é considerada um marco da imaginação social regionalista, tropical e naturalista-realista. Obra de inscrição múltipla, com inserção na literatura, história, jornalismo e ciências naturais (SANTANA, 2001), com pretensão de ser *vingadora*, ao mesmo tempo em que pretende dar visibilidade ao Brasil-interior, esboça elementos a partir dos quais se vai tecer o intrincado rendado da brasilidade, colocando em foco a questão da identidade nacional. Conforme assinala Durval Albuquerque Jr. (1999, p. 53), durante as décadas seguintes à sua publicação

Os críticos vão atribuir a este livro o início da procura pelo verdadeiro país, pelo seu povo, tendo posto por terra a ilusão de nos proclamarmos uma nação européia e mostrando a importância de sermos americanos. Com ele teríamos iniciado a busca da nossa origem, do nosso passado, da nossa gente, da nossa terra, dos nossos costumes, das nossas tradições. Teríamos ficado conhecendo, com ele, a influência do ambiente sobre o nosso caráter e a nossa raça em formação.

Através da colagem e conjugação de elementos diversos – geológicos, geográficos, lingüísticos, modos de vida, fatos históricos de interiorização, a exemplo das entradas e bandeiras, o garimpo, o cangaço e o messianismo -, Euclides desloca a alma da brasilidade para o interior do país. Ali, nos sertões, isolado das influências deletérias do litoral e dos cruzamentos com os negros, ter-se-ia se forjado a sub-raça<sup>3</sup> típica brasileira, a “rocha viva da nacionalidade”.

Euclides foi um crítico contundente do que considerava uma “civilização de empréstimo”, cujo *locus* eram as zonas litorâneas do país. Sua obra funciona como uma espécie de discurso fundador da brasilidade autêntica, o que talvez explique a recorrente tomada do tema sertão pelos intelectuais nacionalistas como forma de contraposição ao que se considerava uma cultura de exportação, distanciada das raízes ou da essência do país.

*Os sertões* é um trabalho que intenta uma dupla inscrição: a de ciência e arte. Por esta razão é um livro que traz a marca da ambigüidade, situando-se entre o mito e a história, o que permite diversas formas de atualização, a depender da posição e estratégia de quem dele se apropria. Superando o caráter inicial de reportagem, como correspondente de guerra, o autor elabora uma poderosa narrativa, que, durante muito tempo, exerceu uma espécie de hegemonia ou fala autorizada sobre o assunto, e, mesmo, da construção do sertão e do arquétipo do sertanejo. Um relato que principia mesmo antes de Euclides ter estado no *sertão de Canudos*, já que a sua escolha como

correspondente decorre, entre outros fatores, dos artigos intitulados “A nossa vendeia”, publicados no jornal *O Estado de São Paulo*. Ademais, é resultado também de uma rápida estadia do autor no cenário da guerra, a partir da qual recolhe dados, anota, faz observações de campo. O próprio Euclides parece reconhecer os limites do seu trabalho, quanto ao desvelar daquele até então praticamente desconhecido sertão:

O que se segue são vagas conjecturas. Atravessamo-lo no prelúdio de um estio ardente e, vendo-o apenas nessa quadra, vimo-lo sob o pior aspecto. O que escrevemos tem o traço defeituoso dessa impressão isolada, desfavorecida, ademais, por um meio contraposto à serenidade do pensamento, tolhido pelas emoções da guerra. (OS, p. 27)

A narrativa, desse modo, é uma prática espacializante. Remete a uma percepção do espaço que se define pelo olhar do sujeito que percebe; elaboração que pressupõe conhecimentos prévios, um passado de quem observa, mas que também está sujeita às cintilações do “real”, aos excessos que ele provoca na moldura do observador viajante. É nesse sentido que podemos considerar a obra como um *olhar estrangeiro*, um intertexto cultural que produz visibilidade e dizibilidade para o sertão. *Os sertões*, portanto, é uma obra marcada pelo estranhamento.

Essas breves considerações importam, na medida em que se busca confrontar autores com perspectivas distintas, não apenas em razão da distância no tempo, mas também ou principalmente pela vivência ou experiência do *espaço-sertão*. Eurico Alves define *Fidalgos* como uma fala de tabaréu, cujos ecos verberam de dentro do *sertão*; um dizer que quer demonstrar profunda intimidade com o ambiente. A diferença de posição de enunciação parece marcar profundamente a percepção do homem e do ambiente *sertanejos*. A narrativa euclidiana é perpassada por *contrastes e confrontos*. Nela se pinta um retrato-sertão a partir de adjetivações que sugerem negatividade: “a paragem é impressionadora, as paisagens têm aspecto atormentado, a vegetação composta por cereus rígidos e cílentes, por mandacarus [espectros de árvores] despídos e tristes, os verões [são] queimosos, as insolações inclementes, o clima feroz, a catinga garranchenta, os espinheirais mordentes, os areais exsicados, *terrenos* desolados e áridos”, a luz crua e ofuscante dos dias<sup>4</sup>, formam, no conjunto, uma “região triste pela inclemência do céu”. Se, como diz Certeau (1994, p. 202), o espaço é um lugar praticado, Euclides, no seu percurso, produz uma geografia que traz o sentimento de desolação e desencanto como marca:

Daí a impressão dolorosa que nos domina ao atravessarmos aquele ignoto trecho de sertão – quase um deserto – quer se aperte entre as dobras de serranias nuas ou se estire, monotonamente, em descampados grandes... (OS, p. 21)



Então, a travessia das veredas sertanejas é mais exaustiva que a de uma estepe nua. Nesta, ao menos, o viajante tem o desafogo de um horizonte largo e a perspectiva das planuras francas.

Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutável no aspecto desolado: árvores em folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante... (OS, p. 37)

Como toda descrição e/ou narração são atos culturalmente criadores, podemos dizer que a operação espacializante deste clássico da imaginação social brasileira, cunhou uma imagem de sertão associada à seca e à miséria (material e civilizatória), embora, paradoxalmente, também localize ali, conjugando régua e compasso deterministas, algo como a essência do nacional e a nossa mais típica sub-raça. Afinal, “o sertanejo é, antes de tudo, um forte” (OS, 99), matéria-prima essencial para a formação da raça histórica a que estávamos condenados.

A leitura de *sertão* de Eurico Alves, ao contrário da percepção euclidiana, é marcada pela identidade, pela familiaridade e (con)vivência com o ambiente que pretende dar visibilidade. Portanto, configura-se em uma outra prática de lugar, através da qual se (re)inventa a espacialidade *sertão*. Em razão disso, *Fidalgos* pode ser lido como uma ruptura da tradição euclidiana. Em termos gerais, rompe com o imaginário que significava o sertão a partir de valores atribuídos à natureza na construção de identidades e memórias. E o faz destacando o elemento humano. Tensionando a relação homem-natureza faz o *sertão* emergir como espaço de relações bio-psicosociais, território de práticas e representações da vida e da realidade do mundo. O *sertão* é, assim, representado como lugar de cultura e sabedoria, o que traduz um deslocamento de certas associações entre miséria material e pobreza cultural, muito comum no imaginário euclidiano e, posteriormente, do “romance de 30”.

Como sugeri em outro momento (SOARES, 2001; 2003), uma leitura possível de *Fidalgos* aponta para um propósito mais específico, qual seja, a inscrição do sertão na geografia imaginativa da Bahia. Este ensaio desponta como o ponto mais alto no longo itinerário que configura a escritura euriquiana. O desenho espacial sertão toma como ponto de partida a zona de Feira de Santana, antiga São José das Itapororocas, e áreas circunvizinhas, embora muitas vezes o autor teça considerações gerais acerca da ocupação do território brasileiro e do sertão nordestino em particular. No cenário baiano, é um dizer que pretende operar a fundação de outra Bahia, para além da



Capital e seu entorno. Daí porque o desejo de um contorno preciso para o que seria o sertão baiano. Para tanto, recua no passado para evidenciar que isso já estava dado desde o começo, no período colonial. Se o sertão não tem fim, ele tem um princípio, e se inicia quando termina a Bahia litoral, o Recôncavo:

Morre o Recôncavo, quando as espátulas do canavial cedem lugar ao flácido flabelar festivo do capinzal, das capineiras. Além do horizonte descrito, já não se ouvem gritos histéricos de feitores sádicos, mas sim a melopéia do aboiado, conduzindo a vida e o rebanho para alegria do sertão imenso. Imenso como um coração. (FV, p. 17)

Eurico Alves contesta o alargamento geográfico do Recôncavo até os campos das Itaporocas. Já não se vê por estes campos, diz ele, “uma humanidade cujo sangue parece todo dissolvido em glicose, a terra pegajenta”, o massapê acomodaticio a que se referia Gilberto Freyre, tampouco a tristeza da escravidão, mas a vegetação de caatingas e a “amplidão própria para o eco triunfal e forte da voz do vaqueiro”. (FV, p. 17) Nas imagens antitéticas, delineiam-se duas regiões, ecológica e culturalmente distintas.

Sertão: espaço outro, em tudo diferente do Recôncavo: no seu modo de vida, na sua economia, nos seus códigos culturais. Sertão bruto, despojado, sem os estardalhaços do litoral; lugar de nobreza verdadeira, de homens ásperos e rudes como a própria vegetação. A própria imagem do sertão como coração, lugar amoroso, maternal e de pulsação da vida, indica uma forma de representar com sinal positivo, destoando assim das recorrentes associações de sertão com seca, miséria, cangaço e messianismo.

Em largos traços, eis um mapeamento nativista do *mundo* sertanejo baiano. Mapa indiciário do desejo de registrar o sertão na *paisagem imaginária* da Bahia, gesto visibilizador semelhante (e Eurico tinha consciência disso) ao que Jorge Amado e Herbet Sales imprimiram para duas outras “ecologias” baianas: as áreas do cacau e das lavras diamantinas. No percurso de inscrição do sertão no mapa físico e simbólico da Bahia, ao mesmo tempo em que vai inventando a si próprio como sertanejo, o dizer euriquiano configura uma espacialização de sentidos: enreda mitos de origem, eventos históricos, modos de vida, códigos de valores e de comportamento, esboços de identidade.

As idéias e imagens do *sertão* de EA são marcadas pela dualidade campo-cidade, só que agora invertendo os pólos, ou seja, na perspectiva do interior para o litoral. Falando de dentro do sertão, se insurgindo contra certas dizi-visibilidades construídas, Eurico apresenta representações carregadas de positividade. Seu discurso, ao mesmo tempo em que vai desconstruindo certas maneiras de ver, dizer e pensar o sertão vai tecendo outros sentidos para o seu lugar, para sua região; é um dizer que, explicita-

mente, se constrói contra o litoral e o urbano. Nele se pinta um retrato-sertão bucólico e idealista: sertão da caatinga ampla e dolorosa, mas amiga (FV, 81), “enorme e bom” (FV, 145), lugar de fazendeiros fidalgos e autosuficientes, que sabem aboiar e falar grosso, “rosado” (FV, 57); de vaqueiros orgulhosos, ousados, independentes (FV, 45); (Ser)tão macho: terra de encourados e masculinos vaqueiros: viris, bravos, perseverantes, fortes; de homens selecionados pela natureza e educados no trabalho de vencer a ganância do sol; “homens de fibra de aço, temperado, batido a golpes de infortúnio”. (FV, 82) (Ser)tão mestiço: lugar de outra mulatinidade, paragem de outros duendes e outras assombrações, onde “o álaçre rumor dos sinos das ermidas pastoris não eram abafados pelo rústico e rude rumor dos rudos e arrastados atabaques dos candomblés”. (FV, 68) Território da valentia e da coragem, “... de homens sem meios tons nas atitudes, sem vacilações, de atos bruscos, fortes, duros como espinhos de mandacarus. Ásperos como gumes de serrotes de pedra em riste, largados na caatinga. Homens verticais como o sol.” (FV, 159) Sertão épico e heróico, autêntico, célula máter da nacionalidade, que resistiu ao adocicado do engenho.

Apesar das diferenças nas montagens, é possível perceber aproximações entre os discursos de Euclides e Eurico Alves. Senão vejamos.

## PRESENÇA EUCLIDIANA

Tal como *Os sertões*, o ensaio *Fidalgos* exorbita qualquer caracterização estreita de gênero. É também uma obra polifônica, coloca os gêneros em diálogo e múltiplas vozes em confronto. Ali coexistem preocupação estética e propósito político-social. Combinam-se arquivo e poesia, imaginação e observação, ciência e arte, num formato de ensaísmo livre que, tomando de empréstimo a moldura de Antonio Candido, é “construído na confluência da história com a economia, a filosofia ou a arte, que é uma forma bem brasileira de investigação e descoberta do Brasil” (CANDIDO, 2000, p. 119), demarcando um traço característico e original do pensamento social brasileiro, isto é, a interferência do imã da literatura nos estudos históricos e sociológicos.

Logo na introdução de *Fidalgos* Eurico afirma não pretender fazer livro de história, sequer uma interpretação sociológica da gente sertaneja, mas apenas oferecer o seu testemunho, a sua versão da “história do sertão e dos seus tabaréus”. (FV, 11) Diz ainda que, movido pelo sentimento de amor à terra, escreveu para tabaréus (como ele), e que somente estes poderão gostar da sua obra, ver nela algum significado e possivelmente sentir saudade.

Mas, não raro, a modéstia passa longe da despreensão. Embora o autor se proponha a evocar modestamente a paisagem sertaneja, o faz ancorado em um grande propósito: re-escrever a história do sertão, de modo a “esclarecer o engano de alguns estudiosos do nosso passado” (FV, 11). O diálogo aqui, pautado por rasuras e deslocamentos ou mesmo pela negação, é com figuras canônicas do pensamento social brasileiro, entre os quais, Gilberto Freyre, Caio Prado Jr., Nelson Werneck Sodré, Capistrano de Abreu, Oliveira Viana, Sérgio Buarque de Holanda e Nina Rodrigues.

Causa estranhamento, porém, em se tratando da montagem de uma memória-monumento sertão, a pouca presença de Euclides da Cunha, notadamente da sua obra mais conhecida, *Os sertões*. Isso talvez se explique pela própria estratégia euriquiiana de visibilizar o sertão e o sertanejo, em especial a aristocracia do pastoreio. Eurico parece pouco interessado com a “Tróia de taipa”, inclusive pelas negatividades de imagem que o episódio da guerra de Canudos comporta. O seu esforço é de síntese, uma tentativa de explicitar as linhas de força que dão sustentação à civilização do pastoreio. Para tanto, Eurico monta uma imensa bricolagem, um intertexto de vozes consoantes e dissonantes acerca da história do sertão, privilegiando as falas positivas e contestando aquelas que acredita contrárias à verdade do sertão. É por esta via que se pode espreitar o trato do texto euclidiano.

*Fidalgos* é uma obra atravessada pela recorrente denúncia do anonimato da vida social das fazendas de criar, ou da civilização do pastoreio. Para ele, o *cidadino*, metáfora do habitante do litoral, não quer perceber que “na fazenda de criar [está] a mais forte origem da nossa civilização. E o cadinho mais adequado para a fixação de nossa gente, pela ausência de influência exótica” (FV, 24). Embora sem a referência, é visível aqui a presença do repertório euclidiano, situação que se repete ao longo do texto, embora já apontando alguns deslocamentos. Eurico procura afirmar a originalidade da civilização do *sertão* (algo inadmissível para Euclides), e para tanto recorre, o que é um paradoxo, à autoridade do *mestre* paulista:

sob a luz devassadora do sol..., no deserto ensolarado das pastagens nativas, ergueu o vaqueiro seu lar...A terra para ele tinha aparência de lar – acolhia a fadiga diurna no conforto das amplas noites frescas e calmas. Já se não formou assim a vida primitiva de outras culturas como documenta Euclides da Cunha. (FV, 25)

Euclides é também convocado em outros momentos, sempre se repetindo a estratégia do veredicto da autoridade. Embora muito pontualmente. Veja-se o chamado para atestar a presença branca no sertão:

Conheci no Nordeste<sup>5</sup> famílias inteiras, cujos componentes, mesmo os homens, traziam na face um róseo finíssimo, a par de traços limpos e nobres. E os narizes finos, os cabelos que voam soltos, povoam os recantos mais longínquos e escondidos do Estado[Bahia]. Aos grupos. Aos punhados. Lembranças atávicas do ‘fator aristocrático da nossa gens’, na definição de Euclides da Cunha. (FV, 74)

Ou ainda, no sentido inverso, para ilustrar a pouca presença negra no processo de mestiçagem do sertanejo. Contrapondo-se à tese de Gilberto Freyre, segundo a qual o negro predominou na mestiçagem baiana e mineira, Eurico replica: “De fato. No beijo da praia, na Bahia, na amargura do canavial do Recôncavo. O que igualmente e com a mesma intensidade aconteceu em Pernambuco. Era a ‘tarja negra’, na expressão de Euclides da Cunha em *Os sertões*. (FV, 76)

O autor de *Os sertões* é ainda convocado como alguém que apresentou um resumo correto da “simbiose entre a catinga e o catingueiro” (FV, 253), sendo o vaqueiro considerado não mais um *centauro bronco*, mas, invertendo a imagem, à maneira de José de Alencar, centauro pastoril, que se configura no “gesto viril da galopada”. (FV, 229) Ou que percebeu um sertão sem infância, onde os meninos se tornam homens na mais tenra idade (FV, 263). E também como um dos poucos que se ateu ao estudo da religiosidade sertaneja. Para Eurico, “a não ser a epopéia que Euclides da Cunha traçou da religiosidade bronca do vaqueiro nordestino, nada de mais expressivo e sério se fez esse particular”. Com um adendo: falta ainda um historiador da religiosidade normal, já que “Canudos não é expressão do espírito religioso, não é síndrome de perturbação mística, como faz crer Oliveira Viana. É apenas sintoma de incultura, manifestação da ignorância da massa amorfa espiritualmente que ali se alapardou”. (FV, 62)

Eis, em rápidas pinceladas, a presença explícita de Euclides, em geral como voz autorizada para a composição de um painel verdadeiro sobre o sertão. Não obstante isso, de forma implícita, feito uma espécie sombra, o texto euclídiano ronda e povoa a construção discursiva euriquiana. É uma espécie de ausência-presente, como tentaremos demonstrar nas páginas que seguem.

## UM INTERLOCUTOR AUSENTE

As antinomias são um traço característico da construção discursiva de *Os sertões*. Dentre elas, destacamos dois pares de opostos que, por servirem de âncora para

alguns discursos sobre a nacionalidade brasileira, se prestarão à análise que pretendemos efetuar.

A primeira dicotomia refere-se ao paulista *versus* sertanejo. Esse par de opostos, conforme assinala Albuquerque Jr. (1999, 53), já aparece na obra resolvido, pois o sertanejo é resultado da presença paulista, ou seus descendentes, no interior do Brasil que se efetuou através da expansão bandeirante. Como já foi destacado, Euclides vai encontrar no sertão a melhor configuração do nacional, dado o insulamento a que foi submetido. Isolado no interior do país, longe das influências culturais e raciais do litoral, o sertanejo seria a nossa sub-raça mais típica:

Na plenitude do século XVII o contraste se acentua. Os homens do sul irradiam pelo país inteiro...

Fora do litoral, em que se refletia a decadência da metrópole e todos os vícios de uma nacionalidade em decomposição insanável, aqueles sertanistas, avantajando-se às terras extremas de Pernambuco ao Amazonas, semelhava uma outra raça, no arrojo temerário e resistência aos reveses (OS, 87).

Euclides, na sua composição argumentativa da expansão bandeirante, vai destacar a forte presença dos paulistas no processo de povoamento dos sertões:

À parte os raros contingentes de povoadores baianos e pernambucanos, a maioria dos criadores opulentos, que ali se formaram [antigo Norte], vinha do sul, constituída pela mesma gente entusiasta e enérgica das bandeiras (OS, 86).

É nesse ambiente que renasce, sem o perigo das migrações e do cruzamento [em especial com os negros], “aquela rude sociedade, incompreendida e olvidada... o cerne vigoroso da nossa nacionalidade” (OS, 86-87).

Implicitamente já emerge um segundo par de opostos central no discurso euclidiano: litoral *versus* sertão, sendo o primeiro simbolizado como lugar do não-nacional, e o segundo, como esconderijo da nacionalidade autêntica. Vale dizer que essa dicotomia atravessa toda a construção de *Fidalgos*, já que uma questão permanente da cultura brasileira. O fantasma euclidiano habita e assombra as formulações inscritas na formação discursiva nacional-popular. No entanto, a localização do nacional autêntico não é algo pacífico, mas um campo de luta de representações.

Em *Os sertões*, litoral e sertão são tomados enquanto lugares portadores de negatividades e positivities. Aquele, embora avançado em termos de progresso

civilizatório, era resultado de um processo de imitação estrangeira, portanto, de descaracterização dos aspectos verdadeiramente nacionais. A rude sociedade sertaneja, por seu turno, apesar dos três séculos de atraso civilizatório, é representada como a melhor configuração do nacional, dado o insulamento a que foi submetida. Isolado no interior do país, longe das influências culturais e raciais do litoral, o sertanejo seria o elemento mais apropriado para uma pretensa unidade nacional. Sertão: lugar da alquimia da brasilidade.

Na nação imaginada por Euclides presentifica-se o projeto de integração do interior. Prescreve-se o revigoramento da civilização brasileira pela matéria-prima étnica e social do sertanejo, através de um conjunto de ações que reduzissem a distância civilizatória entre as duas áreas do país, sincronizando no tempo aqueles rudes patrícios retardatários. Esse assalto civilizador, a pranchadas se necessário, passaria pela difusão da educação escolar, do direito e da ciência, o combate às mazelas do regime oligárquico, o que pressupõe uma ação mais efetiva do Estado. Euclides pensa a incorporação do sertão a partir de São Paulo, berço da civilização mestiça dos bandeirantes e pólo da expansão territorial e econômica do Brasil. A própria idéia de epopéia bandeirante aparece vinculada ao movimento de construção da identidade paulista. A ênfase dada a São Paulo como terra de desbravadores e conquistadores do interior implica uma leitura e representação da história do Brasil em que se coloca a estratégia de forjar um projeto de nação a partir daquele espaço (FERREIRA, 2002; SCHWARCZ, 1993).

O diagnóstico e as prescrições da formulação euclidiana com vistas a unificar a nação vão ser apropriadas e atualizadas por outros autores do pensamento social brasileiro. Apesar do acréscimo de elementos novos, percebe-se a manutenção do núcleo do programa de Euclides: diante de uma pátria cindida é necessário difundir a civilização pelos espaços nacionais, rompendo com a partição física e social entre o litoral e o sertão. A plenitude da nação requer encurtar essas distâncias geográficas e civilizatórias. É preciso marchar para o Oeste, incorporar o sertão em termos econômicos, políticos e culturais, subordinar os chefes locais ao Estado, estancando dessa forma as tendências desnacionalizadoras. Na proposição da grande marcha, como bem percebeu Candice Vidal e Souza, explicita-se o desejo de tornar o sertão a imagem do litoral. Preconiza-se uma “operação intensiva de modificação do interior que pretende de um só fôlego, mudar costumes, mentalidade e modo de vida dos sertanejos e domesticar a aspereza da terra bruta e deserta. Há em tudo o propósito de disciplinar, pelo uso econômico e pela dependência governamental, a terra e a gente desse lugar um dia selvagem, retardatário e insurgente.” (SOUZA, 1997: 117)

Eurico Alves, ao mesmo tempo em que propõe outra leitura do sertão pastoril, coloca-se na contramão desse imperialismo intra-fronteiras<sup>6</sup>, política que ganha força principalmente após a chamada Revolução de 30, em razão da maior centralização do Estado nacional. Colocando-se como porta-voz da terra e da gente sertaneja, reivindica uma atitude de respeito às suas tradições, o reconhecimento da importante contribuição do sertanejo para a história da formação social brasileira. História, segundo ele, não escrita corretamente, tracejada de forma preconceituosa e parcial, produto do olhar estrábico de grupos dominantes do litoral.

Ao criticar as versões elaboradas no “litoral”, Eurico defende a ampliação do repertório da História do Brasil, de forma a que sejam considerados e incorporados outros atores sociais, diferentes grupos ou comunidades, outros espaços culturais do país. Mas a ênfase sempre recai sobre o esquecido e discriminado sertão. Seu trabalho é marcado pela busca de inserção do sertão pastoril no conjunto da História do Brasil. O assentamento deste registro, o tracejar de uma historiografia onde haja lugar para vaqueiros rudes, tropeiros, coronéis e jagunços, requer outro olhar para a história. Significa refutar ou pelo menos pôr sob suspeita o fazer histórico que privilegia certos eventos monumentais, descartando também a idéia de hierarquia entre os passados das distintas áreas culturais do país.

De qualquer modo, Eurico não escapa às armadilhas da história, esta volúvel e caprichosa dama. Na construção de uma dada forma de ver e dizer o sertão, na defesa do dado regional enquanto trecho da História Nacional, ele também privilegia um determinado grupo social, tomando a sua memória, as suas tradições, os episódios vinculados ao seu passado histórico como representativos do lugar sobre o qual fala. Na leitura e significação da história do Brasil, Eurico vai deixando sinais do espaço que ele representa e da posição social de onde ele emite seu discurso. É um olhar que vislumbra a história ora do solar da casa-de-fazenda, ora da sua extensão urbana, o sobrado aristocrático.

Seu trabalho de revisão se dá consoante o desejo de inscrever o sertão pastoril e a aristocracia dos currais nas malhas do discurso oficial<sup>7</sup>. Não se trata, desse modo, de dar voz aos de baixo, aos outros marginalizados e ex-cêntricos, de revelar as faces infames e obscuras varridas dos compêndios da História, embora aqui e ali eles apareçam como coadjuvantes na estetização dos fatos e na composição do cenário, como é o caso dos vaqueiros, tropeiros, missionários, negros escravos e jagunços. É uma versão da história do sertão pastoril tecida nos marcos da história oficial, pois coloca em relevo feitos heróicos e civilizadores, movimentos espetaculares de desbravamentos e descobertas. Um discurso que mantém e atualiza uma visão heróica. Ao reafirmar o



caráter épico da ação bandeirante, Eurico Alves preserva a idéia do heroísmo colonizador e da democracia racial como constitutivos da formação social brasileira. Desse modo, ameniza a violência das relações sociais e étnicas que caracterizou o processo colonizador. Na vereda aberta por Gilberto Freyre, no que toca às relações humanas nos canaviais da Zona da Mata, projeta para o pastoreio uma hierarquia harmoniosa, desloca os conflitos raciais, de classe e de grupos sociais para o âmbito da cultura. Utilizando-se de imagens idílicas das relações sociais, tece a narrativa de uma história incruenta, amenizando, quando não elidindo, as contradições reais do processo histórico, esvaziando possíveis antagonismos. Para ele, no pastoreio era mais humano o domínio branco, mesmo quando se tratava da relação com índios e escravos (cf. FV, p. 24, 26, 222)

Em *Fidalgos* faz-se presente a defesa da centralidade da vida rural no processo de formação do Brasil, colocando em destaque nesse processo o papel da família patriarcal. Foi, segundo Eurico, a criação de gado que teceu a unidade nacional (cf. FV, 45). O Brasil teria nascido no compasso do aboiado civilizador que se espalha pelo sertão adentro; seria o resultado da arrancada sertaneja de intrépidos mamelucos que riscaram o mapa da pátria e firmaram “a base da nossa nacionalidade” (FV, 345); que, ao contrário dos bandeirantes paulistas, combateram a indiada quando necessário, mas sobretudo souberam balançar a rede de Iracema, catequizando pelo sexo e conquistando biologicamente o sertão, e deixando como herança um selecionado étnico do legítimo brasileiro.

Eurico imagina uma nação que vai se configurando com o alargamento do espaço. Sua obra expõe a história da conquista e ocupação das terras do interior da Bahia, ao mesmo tempo em que vai tecendo os significados econômicos, sociais, culturais, pátrios desta saga bandeirante, suas singularidades e contribuições para a construção da nacionalidade e de uma região ecológica e cultural. É um trabalho de afirmação do sertão como diferença em relação aos processos civilizatórios litorâneos.

Não é difícil observar que questões centrais da formulação euclidiana migram para o discurso de Eurico. Todavia, o autor de *Os sertões* é deixado à margem. Esse silêncio pode parecer surpreendente, mas pode ser lido como uma estratégia de produção de visibilidade da aristocracia dos currais. Na tessitura discursiva aparece pelo menos três linhas de ataque. A primeira tem como alvo as formulações de Gilberto Freyre, na obra *Casa Grande & Senzala*, que percebeu na sociedade açucareira da Zona da Mata pernambucana a célula original da civilização brasileira e generalizou sua análise para todo o passado colonial brasileiro.

É também uma fala anti-paulista, não diretamente contra Euclides, mas, de forma enviesada, contra aqueles que atualizaram e suplementaram a fábula do ban-

deirante herói, a exemplo de Alfredo Ellis Jr. (*História Social de São Paulo*) e Cassiano Ricardo (*Marcha para o Oeste*), ou que deram continuidade às teorias raciais, como foi o caso de Oliveira Viana. Eurico se insurge contra o regionalismo paulista que se colocava como superior e se sustentava no desprezo pelos outros nacionais e no orgulho pela sua ascendência européia e branca. Essa suposta ascendência é duramente criticada por Eurico Alves, para quem “não se pode regionalizar a ‘flor amorosa de três raças tristes’... O certo é que a flor bilaquiana floriu sobre o país inteiro” (FV, 87). O diálogo com Euclides é portanto mediado, traduzindo-se desse modo a figura do interlocutor ausente.

A terceira, e mais contundente delas, refere-se à Bahia litoral. Eurico formula uma crítica ácida ao modo como foi urdida a história baiana, pois o que ali é dado a ver circunscreve-se ao universo sociocultural da Capital e seu Recôncavo. Contestando essa visão, ele propõe, seguindo a vereda aberta por Euclides da Cunha, uma história cujo foco se desloca do universo açucareiro, recaindo sobre o pastoreio. Pretende, desse modo, incorporar o sertão-pastoril ao repertório sócio-cultural baiano, demonstrando a participação da face sertaneja em momentos cruciais do processo histórico da Bahia. Eurico reclama do silenciamento do sertão na história “heróica e gloriosa” da Bahia, a exemplo das lutas pela independência do Brasil e do movimento federalista da Sabinada. Mas o largo capítulo da história baiana vai além disso. A estes e outros marcos centrais da montagem da história “litorânea” da Bahia, como a chegada das caravelas cabralinas, ele opõe outras seqüências históricas, capítulos outros de uma outra história, mais heróica, mais épica, mais pátria: a conquista do espaço, a responsabilidade pela extensão e ocupação do colosso territorial brasileiro, a preservação dos traços mais genuínos do ser brasileiro. Para alinhar a história a partir do sertão, Eurico apropria-se da mitologia bandeirante, com destaque para Euclides da Cunha, transplantando-a para a Bahia. Coloca aspas e rasuras nessa invenção vinda das bandas do Sul, mas dela se utiliza, já ressignificada, para contestar os enredos “litorâneos”.

Retomando o mestre de Cantagalo, Eurico atualiza a idéia do sertão como lugar onde se gesta o brasileiro, como guardião da nacionalidade autêntica. Mas o faz operando rasuras, pois desloca a ação civilizadora bandeirante do Planalto de Piratininga (São Paulo) para Tatuapara, célula inicial do pastoreio no Brasil. Apesar de surgir namorando o mar, essa mansão autenticamente pastoril<sup>8</sup> teria sido o ponto de partida para a arrancada sertaneja; do seu patriarca, Garcia d’Ávila, se teve “a lição de esquecer o litoral e escapular para o sertão” (FV, p. 22). Em termos comparativos, o

bandeirantismo baiano seria superior ao paulista, já que este deixou “apenas a negativa lição do despovoamento” (FV, 23).

Na verdade, Eurico faz um duplo deslocamento, pois, se opera com a mitologia da Bahia como berço de origem da civilização brasileira, transporta o ponto zero da nacionalidade do litoral para o sertão, estratégia que põe em relevo o lugar de onde ele fala, a zona de Feira de Santana, já que ali, na região sob o “domínio da Capela e depois Matriz de São José das Itapororocas”, teria se concretizado “autêntica civilização do pastoreio” (FV, 16). Desse modo, ao mesmo tempo atualiza e desloca as dicotomias euclidianas. Atualiza na medida em que reafirma o sertão como guardião da nacionalidade original, contrapondo-se às elites intelectuais e políticas do litoral, que elegeram como símbolo o passado do Recôncavo e seus valores aristocráticos (SILVA, 2000). Desloca de uma dupla forma: primeiro, consagrando a mitologia da Bahia como berço da nação brasileira; depois, deslizando a nacionalidade autêntica do litoral para o sertão.



## NOTAS

- <sup>1</sup> Além dos cronistas e viajantes, Eurico lança mão de uma extensa bibliografia, a exemplo de José de Alencar, Bernardo Guimarães, Afonso Arinos, Coelho Neto, Pedro Calmon, Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu, Oliveira Viana, Cassiano Ricardo, Sérgio Buarque de Holanda e Nelson Werneck Sodré.
- <sup>2</sup> A diferenciação entre Norte e Sul vem desde o final do século XIX, distanciamento geralmente explicado por questões de raça e meio. Os trabalhos de Nina Rodrigues e Oliveira Viana são exemplo disso (cf. ALBUQUERQUE JR, 1999: 57). Embora ocupado em visualizar a área da Zona da Mata, Freyre já chamava a atenção para a existência de vários nordestes, ao mesmo tempo em que criticava a visão estereotipada e o exagero de simplificação por parte do Sul, que via o Norte como “maciço e único” (FREYRE, 1989: 42).
- <sup>3</sup> Para Euclides não existia no Brasil unidade de raça, um tipo étnico único, mas cruzamentos raciais diversos, o que nos predestinava, já que condenados à civilização, à formação de uma raça histórica, invertendo assim a ordem natural dos fatos (OS, p. 64)
- <sup>4</sup> Selecionei, dentre muitas, algumas imagens. Ver p. 15, 16, 17, 18, 21, 37, 92, 100, 101.
- <sup>5</sup> Esta referência espacial, muito presente FV, aponta para um mapeamento de áreas baianas e não, como o termo pode sugerir, à hoje conhecida região do Brasil.
- <sup>6</sup> A expressão sintetiza a posição defendida por Nelson Werneck Sodré, em *Oeste* (1990, p. 201)
- <sup>7</sup> Vale lembrar que *Fidalgos e vaqueiros* não trata do estudo de duas categorias sociais e ocupacionais, mas em grande parte dos senhores das casas-de-fazenda, dos centauros-pastoris que dominavam a região. Wilson Lins, prefaciador da obra, indicava que no ensaio somente o título “era fraco”, acreditando que lhe cairia bem melhor o de *A aristocracia dos currais*. Não sabemos se com a anuência de Eurico, mas, segundo nos informa Dórea (1978, p. 53), foi com o título de *A aristocracia rural* que o livro foi encaminhado para o

Instituto Nacional do Livro, na sua primeira tentativa de publicação. Também não sabemos como ele recebeu o título com que veio a ser publicado, mas é possível especular que ele foi adaptado de um dos capítulos de *A História da Casa da Torre* (Fidalgos e peões), do historiador Pedro Calmon.

<sup>8</sup> A referência aqui é o chamado Castelo da Torre, localizado na Praia do Forte, município de Mata de São João, Bahia.

## FONTES

BOAVENTURA, Eurico Alves. *Fidalgos e vaqueiros*. Salvador: UFBA / Centro Editorial e Didático, 1989.  
CUNHA, Euclides. [Original de 1902] *Os sertões*. 39ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro)

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed, Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.
- AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995a, p. 145-151.
- ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões: entre a memória e a história*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FERREIRA, Antonio Celso. *A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção história (1870 – 1940)*. São Paulo, Editora UNESP, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 6ª ed.. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1986.
- FREYRE, Gilberto [Original de 1933]. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987.
- FREYRE, Gilberto [Original de 1937]. *Nordeste*. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- LIMA, Nisia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.
- ORLANDI, Eni Pulcineli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas. Ficção Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- SANTANA, José Carlos Barreto. *Arte & Ciência. Euclides da Cunha e as Ciências Naturais*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1999.
- SILVA, Paulo Santos. *Âncoras da tradição: luta política, intelectuais e produção do discurso histórico na Bahia (1930 – 1949)*. Salvador: EDUFBA, 2000.
- SOARES, Valter Guimarães. Outros sertões: a Bahia de Eurico Alves. *Sitientibus*. Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, n. 24, jan./jun, 2001, p. 109-126.
- SOARES, Valter Guimarães. *Cartografia da saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja*. Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural, 2003. (Dissertação de Mestrado)
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Oeste: ensaios sobre a grande propriedade pastoril*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

SOUZA, Candice Vidal e. *A pátria geográfica: litoral e sertão no pensamento social brasileiro*. Goiânia: UFG, 1997.  
VENTURA, Roberto. Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha. In: BRAIT, Beth (Org.). *O sertão e os sertões*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998, p. 63-79.

Conversa de Arquivo: Eurico Alves, leitor de Euclides  
A File Talk : Eurico Alves, as an Euclides' reader

## RESUMO

As obras *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, e *Fidalgos e vaqueiros* (1989), de Eurico Alves Boaventura, são dois grandes monumentos na construção de maneiras de ver e dizer, pensar e sentir o sertão da Bahia/Brasil, muito embora produzidos em épocas distintas e com processos de disseminação bastante diferenciados. Neste texto, tento surpreender a presença/ausência do texto euclidiano na construção discursiva do sertão por parte de Eurico Alves, procurando visualizar recorrências, rasuras e deslocamentos colocados na operação da leitura.

**Palavras-chave:** Sertão; presença/ausência; deslocamento

## ABSTRACT

The works *Os sertões* (1902), by Euclides da Cunha, and *Fidalgos e vaqueiros* (1989), by Eurico Alves Boaventura, are two great landmarks in the construction of ways of seeing and telling, thinking about and feeling the backlands (“sertão”) of Bahia/Brazil, although these books were released in different times and with very distinct dissemination processes. In this text I try to locate the presence/absence of the writings by Euclides da Cunha in the discursive construction of the “sertão” by Eurico Alves, aiming at visualizing recurrences, rasures and dislocations posed in the reading process.

**Key words:** Backlands; presence/absence; dislocation

Recebido em 18/05/2009

Aprovado em 20/07/2009



SOARES, Valter Guimarães. Conversa de Arquivo: Eurico Alves, leitor de Euclides. *Lêgua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana, UEFS, v. 7, nº 5, 2009, p. 56-75.

Valter Guimarães Soares é Professor Assistente da Universidade Estadual de Feira de Santana. É graduado em História pela UFBA e mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela UEFS.